

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: QUEM É O “VELHO” E COMO SE IMAGINA “VELHO”?**

Danyllo do Nascimento Silva Junior (1); Crislayne Alesandra Aquino Silva (2); Eliana Barreto Fixina (3)

1. *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)* [danyllojunior@hotmail.com](mailto:danyllojunior@hotmail.com); 2. *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)* [crislayneaquino@hotmail.com](mailto:crislayneaquino@hotmail.com); 3. *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)* [elifixina@hotmail.com](mailto:elifixina@hotmail.com)

**RESUMO:** Objetivou-se identificar aspectos das representações sociais da velhice na sociedade contemporânea. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quanti e qualitativa, desenvolvida no município de Pau dos Ferros-RN. A coleta de dados ocorreu através do preenchimento de uma enquete padronizada, aplicada a 50 cidadãos adultos jovens em diversos espaços sociais. A enquete era composta por perguntas que contemplavam questões relacionadas ao envelhecer e as suas representações sociais. Após análise do material obtido, emergiram duas categorias temáticas que serão trabalhadas neste estudo à luz do referencial teórico: Quem é o “velho”? e Como se imagina “velho”? sendo “velho” o termo referido pelos participantes, em detrimento de idoso. Os resultados evidenciaram distintas representações sociais acerca do processo de envelhecimento. Para eles, as vantagens de se chegar à velhice tratam-se das vivências, experiências e amadurecimento adquiridos. Em contrapartida, os participantes que identificam o envelhecer através da idade cronológica, do organismo do indivíduo e mesmo aqueles que não souberam caracterizar ou como identificar uma pessoa como velha, têm uma imagem negativa do envelhecimento humano. A maior parte dos participantes associou velhice com perdas e incapacidades físicas, doenças crônicas que requerem tratamento medicamentoso e internação hospitalar, aparência inadequada, e pensamento de que o envelhecimento representa maior proximidade com a finitude. Salienta-se a relevância de se discutir um tema tão pertinente para a sociedade atual, cujas representações sobre a senescência ainda demonstra graves equívocos. Logo, espera-se que os resultados deste estudo colaborem para que as representações sociais sejam mais fieis à realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento humano, Sociedade, Representação social.

### **1 INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas pode-se observar o envelhecimento da população cada vez mais evidente, visto que esse processo repercute nas mais diversas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), estamos na “Era do Envelhecimento”, haja vista que nos países desenvolvidos houve um

crescimento acelerado e significativo da população idosa (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002).

Não é tarefa fácil compreender o processo de envelhecimento e suas reflexões através das relações sociais de diferentes culturas intrínsecas, históricas e socialmente construídas pelo senso a respeito da velhice. A construção desses estigmas ocorre através dos conhecimentos populares e por vezes até científicos, bem como por experiências em grupo ou mesmo individuais ocorridas na vivência de cada sujeito (ARAÚJO; COUTINHO; SALDANHA, 2005).

Nesse sentido, as representações sociais são percebidas entre os atores sociais, os fenômenos e os contextos que nos rodeiam. Sendo assim, elas são processos construídos nas interações sociais e implicam no cotidiano das pessoas, na comunicação e comportamentos que são adotados por um grupo acerca de um determinado objeto. Este se torna resultado das representações e significados que o grupo de atores sociais expressa no decorrer de suas vidas (ARAÚJO; COUTINHO; SALDANHA, 2005).

A velhice é identificada como a fase das perdas e alterações que ocorrem biologicamente, assim como as sociais e psicológicas que ocorrem pela debilidade do organismo e sua maior chance de desenvolver certas patologias. O idoso, nessa perspectiva, tem que se avaliar após cumprir suas tarefas de adulto e logo após isso o mesmo deve se engajar em novos papéis, que seriam os sociais e principalmente os familiares, em que precisa rever sua perspectiva pessoal com relação a sua existência ou término (NERI, 1991).

Neri (1991) ainda classifica essa ação como passar a vida a limpo e traz que não é nada fácil ser idoso e valorizado na sociedade moderna. Ser velho pode ser algo penoso, principalmente se ele vier acompanhado pela competitividade dos indivíduos jovens. Alguns fatores podem ainda contribuir para isso, como o fato de o idoso ser pobre, dependente, acometido por alguma patologia, se for depressivo e ter sentimento de culpa, se for desconfiado ou ainda por se sentir inferior pelo fato de estar envelhecendo.

Cada pessoa vai envelhecer de uma maneira diferente, respeitando suas subjetividades. Essas imagens que simplificam os idosos são tanto usadas como compartilhadas na atualidade por todos os grupos e níveis sociais, formando uma visão generalizada e estereotipada que distorce a realidade, impedindo que as diferenças prevaleçam e não reconhecendo qualquer virtude ou qualidade que um idoso possa ter. Sendo assim, os estereótipos são elementos inevitáveis que impedem a eventual procura de ações que visem o combate a essa espécie de discriminação que levam os indivíduos a adotar

comportamentos inadequados e ofensivos à população idosa (MARTINS; RODRIGUES, 2004).

Uma questão bastante presente ao tratar sobre a velhice é a morte. Esta pode ser heterogênea, mediante a vivência do idoso ao longo dos anos, questão que é reavaliada em virtude do posicionamento da sociedade que muda constantemente. Dessa forma, a morte passa a ser muito importante para entender tanto as relações sociais, como o comportamento do idoso frente a essa nova realidade. Mesmo em muitos casos sendo negada, a reflexão sobre a morte pode trazer benefícios, tais como a melhoria da qualidade de vida, a realização de novas atividades, autonomia e o apego à religião (ANDRADE, 2012).

Diante do exposto, o presente estudo justifica-se pela importância em se debater e desconstruir visões distorcidas e limitantes da sociedade com relação ao processo de envelhecimento. Este trabalho é fruto da pesquisa intitulada “As representações sociais da velhice no contexto da sociedade contemporânea”, a qual teve por objetivo identificar aspectos das representações sociais da velhice na sociedade contemporânea.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem quanti e qualitativa. O estudo foi realizado no município de Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte. Os participantes da pesquisa foram cidadãos que circulavam livremente em espaços sociais no centro da cidade. Para compor a amostra, os participantes tiveram que se encaixar nos seguintes critérios de inclusão: maiores de 18 anos e menores de 60 anos que se disponibilizassem de forma voluntária a participar, e que apresentassem condições cognitivas (conscientes e orientados) para responderem ao instrumento de coleta.

Os participantes tiveram que responder a uma enquête padronizada, preenchendo de forma individual as questões formuladas. A enquête foi composta por perguntas que contemplaram questões relacionadas ao conceito de quem é o ‘velho’, como é popularmente chamado o idoso na sociedade; em qual espaço o velho deve estar inserido no seu processo de velhice; como o participante se imagina no processo de envelhecimento; e qual a idade que uma pessoa precisa ter para ser considerada velha. A estratégia empregada para subsidiar empiricamente esta reflexão consistiu em pesquisas bibliográficas e de campo (enquete), a qual foi realizada com um total de 50 participantes em dois dias (05 e 06 de janeiro de 2015), utilizando-se do critério de saturação para definir a cessação da

coleta de dados.

Para preservar o anonimato dos sujeitos, as falas foram identificadas, ao longo do texto, com as letras P (Participante), seguidas de algarismos arábicos que representam a ordem das entrevistas, em negrito, por exemplo: **P7**.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 Perfil sóciodemográfico dos idosos**

A pesquisa contou com a participação de 50 cidadãos. Destes, 25 (50%) eram do sexo feminino e 25 (50%) do sexo masculino. A faixa etária predominante foi de 18 a 25 anos com 18 participantes (36%) e de 26 a 35 anos com 16 participações (32%), sendo a idade média de 38,5 anos. A maioria, 26 pessoas (52%), declarou estado civil como solteiro (a). Quando indagados sobre o município de residência, 35 (70%) afirmaram que residiam em Pau dos Ferros-RN, local da pesquisa. No que se refere à ocupação, as mais citadas foram estudantes, 12 (24%), vendedores, 8 (16%), e agricultores, 6 (12%).

#### **3.2 Categorias temáticas**

Neste trabalho, duas das quatro questões principais que emergiram da pesquisa serão discutidas e analisadas, conformando-se nas categorias temáticas: Quem é o “velho”? e Como se imagina “velho”? , as quais mesclam resultados mais relevantes obtidos através da enquete e discussões à luz do referencial teórico pesquisado.

##### **3.2.1 Quem é o “velho”?**

A velhice e todas as suas peculiaridades são compreendidas através das relações estabelecidas entre os distintos aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais do envelhecer. Essas interações se revelam de acordo com a cultura a qual o indivíduo está inserido e essas condições produzem diferentes representações do processo de envelhecimento, principalmente entre a concepção que se tem de velhice e as atitudes frente às pessoas que vivenciam esse processo (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Essa categoria emerge da representação social propriamente dita, uma vez que o processo de envelhecimento humano é percebido de diferentes maneiras pelas pessoas. Tal afirmação pode ser constatada na Tabela 01, que mostra três formas de se perceber a velhice, do ponto de vista dos participantes deste estudo.

**Tabela 01** - Como os participantes caracterizam a pessoa velha. Pau dos Ferros, Brasil, 2015.

VARIÁVEL	N°	%
<b>Como caracterizam uma pessoa como velha?</b>	<b>(n = 50)</b>	<b>(100%)</b>
Aparência física	21	42%
Vivências e experiências	13	26%
Idade cronológica	6	12%
Não soube caracterizar	10	20%

**Fonte:** Informações coletadas pelos autores da pesquisa.

Surgiu dessa categoria um total de 4 subcategorias, sendo elas: “Aparência física/Idade biológica”; “Vivências e experiências”; “Idade cronológica”; e “Não soube caracterizar”.

### 3.2.1.1 Aparência física / Idade biológica

A imagem do corpo, resultante do processo de envelhecimento, é percebida através do desgaste físico que ocorreu ao longo dos anos, e embora cada pessoa possua sua própria imagem corporal, a representação da velhice é a mais temida. Esse fato se justifica perante a sociedade contemporânea, pois a juventude é sinônimo de beleza, e a mídia tem grande contribuição nisso, já que à medida que os corpos denominados perfeitos ganham importância, o velho passa a ser rejeitado (MANCIA; PORTELA; VIECILI, 2008).

Percebe-se nas seguintes falas que os participantes identificam o processo de envelhecimento através das mudanças no organismo reveladas no transcurso dos anos: *O ser idoso é uma pessoa diferente, envelhecida. Não dá para comparar o corpo de um idoso com o corpo de um jovem (P7); Uma pessoa com o corpo envelhecido (P11).*

A idade biológica se define através das mudanças corporais e mentais que são percebidas ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam, dessa forma, o envelhecer. Contudo, esse processo inicia-se até mesmo antes do nascimento e estende-se por toda a existência sendo intercalado pelas fases do ciclo vital



humano - infância, adolescência, fase adulta e velhice (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Na maior parte das vezes é a aparência física do sujeito que determina que seja identificado como velho, conforme se observa nas falas subsequentes: *Uma pessoa que já começou a sentir os efeitos do tempo seja em seu corpo ou em seu intelecto (P18); O que vem na minha cabeça é: de pele enrugada, corpo fragilizado, uma mente esquecida (P50).*

O processo de envelhecimento do organismo também pode ser identificado através das perdas de funções que são percebidas como ‘incapacidades’, as quais impossibilitam que o sujeito realize determinadas tarefas da vida diária, demandando ajuda para conseguir realizá-las. A dependência física corresponde a um dos maiores temores de quem envelhece. Esse conceito pode ser identificado nessa fala: *Alguém que devido à idade, não possa realizar atividades comuns sozinha, precisando da atenção e ajuda de outros (P31).*

A imagem física de quem é velho se caracteriza pela representação de elementos e manifestações que são comuns no processo de envelhecimento, que são os cabelos prateados pelos anos, as rugas que se desenharam sobre a pele, a diminuição da capacidade de trabalhar e realizar pequenas tarefas, redução da resistência física, entre outras. No entanto, essas características podem estar ou não presentes em quem vivencia a senescência, uma vez que os fatores genéticos, bem como os ambientais atuam nesse processo e podem mascarar o efeito do tempo sobre o corpo (CRUZ; FERREIRA, 2011).

### 3.2.1.2 Vivências e experiências

As vivências e experiências de quem chega a velhice são apontadas como característica para identificar o sujeito como velho, como afirmam os seguintes participantes: *Alguém que já usufruiu bastante da vida, realizou propósitos, construiu família e tem um legado de experiências para passar as novas gerações (P2); Caracterizo-a como uma pessoa experiente e bem sucedida em sua vida, pois já obtive bastante experiência para repassar para os demais (P21).*

Nesse sentido, os estigmas atribuídos à velhice e ao velho são consequências de pensamentos individuais e que se tornam sociais, relacionadas ao presente, passado e futuro (NERI, 1991).

Falar sobre representações sociais na terceira idade implica pesquisar muito mais que leituras científicas, mas bem como a contribuição do “conhecimento popular” (senso comum)

que são repassados por grupos sociais de convivência (ARAÚJO; COUTINHO; SALDANHA, 2005).

### 3.2.1.3 Idade cronológica

Observou-se, através das respostas, que muitos participantes identificam e classificam uma pessoa como velha através da idade cronológica, como revelam as falas: *O velho para mim seria o indivíduo que já alcançou uma idade avançada e que por conta disso não pode exercer determinadas atividades que exercia quando mais jovem (P1); Uma pessoa que merece respeito por que apresenta certa idade (P6); Quando ela passa a precisar de cuidados e de uma atenção especial por causa da idade (P28).*

O envelhecimento não pode ser algo determinado apenas pela idade cronológica, mas pelas consequências das experiências vivenciadas e administradas pela própria pessoa. A idade cronológica se refere somente a contagem dos anos desde o nascimento até a atual fase em que o indivíduo se encontra e por isso não pode ser usada como um indicador do desenvolvimento biológico e psicossocial, pois por si só não é o fator causal do desenvolvimento humano e da velhice (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

### 3.2.1.4 Não sabe caracterizar

Poucos participantes da pesquisa, de fato, tinham um conhecimento satisfatório sobre a velhice e muitos deles apresentaram dificuldade em descrever como caracterizam uma pessoa como velha. Muitos mencionaram aparência física e questões de saúde, ao fato de se afastar do mercado de trabalho, tornar-se dependente de cuidados, entre outros. As respostas subsequentes descrevem esses achados: *Não só pela idade, mas também pelo físico e saúde (P32); Idoso é quando está sem fazer nada (P36); Fico refletindo quando vejo, será que eu vou ficar assim ou vou morrer antes? (P38); Uma pessoa com um maior cuidado, devido se restringir de várias coisas, como atividades físicas. E [...] preocupação com a saúde (P44).*

A subdivisão das idades em biológica, cronológica, psicológica e social são efetivas para que se compreenda como ocorre o processo de envelhecimento humano, porém não se deve aplicar como forma de marcar a velhice, pois essa é mais uma fase do ciclo de vida (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

### 3.2.2 Como se imagina “velho”?

Esta categoria temática destaca o imaginário dos participantes com relação à sua velhice. Os participantes foram indagados na enquete sobre como se imaginavam velhos, as visões obtidas foram consolidadas na Tabela 02.

**Tabela 02** - Como os participantes se imaginam velhos. Pau dos Ferros, Brasil, 2015.

VARIÁVEL	Nº	%
<b>Como você se imagina velho?</b>	<b>(n = 50)</b>	<b>(100%)</b>
Visão positiva	25	50%
Visão negativa	18	36%
Não se imagina velho	7	14%

**Fonte:** Informações coletadas pelos autores da pesquisa.

Emergiu dessa categoria um total de 3 subcategorias, sendo elas: “Visão positiva do envelhecer”; “Visão negativa do envelhecer” e “Não se imagina velho”.

#### 3.2.2.1 Visão positiva do envelhecer

A dádiva de envelhecer é cercada de perdas, no entanto, o envelhecimento ativo deve ser estimulado, pois representa qualidade de vida. Envelhecer de forma ativa compreende equilíbrio biopsicossocial do sujeito. Manter-se funcionalmente independente é o primeiro de muitos passos para vivenciar o envelhecimento de forma saudável, mas para isso faz-se necessário adotar bons hábitos de vida, eliminando fatores de risco que possam provocar a dependência, bem como prevenir doença e recuperar a saúde (CRUZ; FERREIRA 2011).

Em relação à velhice e processo de envelhecimento, os participantes pontuaram momentos de dependência e perdas. No entanto, também ilustram com outras perspectivas: *Tentando não me entregar fácil ao ato de não trabalhar, por exemplo - ter idade avançada não significa invalidez (P2)*; *Trabalhando, sendo o chefe da minha família, conduzindo minha vida como sempre (P18)*; *Bem disposta e jovem, pois não importa a idade cronológica (P20)*; *Um velho saudável, com boa alimentação, estado psicológico equilibrado (P25)*.

A grande maioria dos idosos, e dos jovens que pensam no próprio processo de envelhecimento, temem a velhice pelo medo de se tornar



dependente para realizar suas atividades cotidianas e por acometimento de doenças, algumas bem típicas dessa fase do desenvolvimento. Contudo, para outros, essa etapa do ciclo vital é pensada como o momento de relembrar os acontecimentos memoráveis de sua vida, revelando um mesclado de vivências e experiências que reforçam o lado positivo do envelhecer (FREITAS; QUEIROZ; SOUZA, 2010).

Percebe-se nos dizeres que os participantes imaginam uma velhice generosa para eles, visto que elencam sonhos realizados, objetivos alcançados, resultados de uma vida feliz e com o merecido descanso após cumprir as suas atividades sociais. Tais achados são nítidos nos seguintes relatos: *Um velho que vai curtir muito a vida (P3)*; *Com uma família constituída com o tempo para descansar e havendo realizado boa parte dos meus planos pessoais e profissionais (P17)*; *Um velho alegre e cheio de histórias (P24)*; *Me imagino uma pessoa feliz por ter chegado a tal idade, com muita força e determinação (P28)*.

Uma resposta que representa um problema mais evidente na sociedade contemporânea foi identificada na fala de um participante, o qual afirmou: *Pelo tempo vivido, feliz. Contudo, preocupado com o comportamento das pessoas com o idoso (P8)*.

O preconceito para com a terceira idade parte tanto da sociedade em geral como dos próprios idosos. Diante de todas as mudanças sociais e o envelhecimento do país, faz-se necessário reeducar as pessoas para que os preconceitos arraigados à velhice se dissipem, pois envelhecer é aceitar o processo de envelhecimento com orgulho da experiência e sabedoria acumulada no decorrer dos anos (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

### 3.2.2.2 Visão negativa do envelhecer

As representações da velhice são diversas e a grande maioria delas é depreciativa, tendo em vista que são associadas a sofrimento em decorrência de perdas, doenças e incapacidades que geram dependências (DIAS; PAÚL; WATANABE, 2014). As respostas a seguir revelam essas questões: *Me imagino como uma criança que, querendo ou não, irei depender sempre de alguém pra me ajudar (P5)*; *Dando trabalho a família (P22)*; *Hoje em dia quando a gente fica velho o que mais prejudica a gente é a doença (P37)*; *Que minhas filhas cuidem de mim. Porque é difícil com os jovens de hoje (P42)*; *Imagino como um que não tem aptidão física, em fazer as coisas que eu fazia no passado (P45)*.

Na atualidade, a literatura mostra que a velhice, pensada como futuro, não apresenta boas perspectivas, haja vista que as representações sociais são

frequentemente relacionadas à decadência e a finitude, como se a velhice se consolidasse como um período caracterizado pela espera da morte (DIAS; PAÚL; WATANABE, 2014). Percebem-se esses dizeres nos relatos dos participantes: *Esperando a morte chegar (P16); Chegar na idade da velhice hoje em dia é difícil. Talvez chegue, mas é difícil (P26)*.

Nessa perspectiva, o grande desafio da humanidade no que tange aos aspectos da velhice e da morte é separá-las. Torna-se essencial redirecionar essa concepção fatalista de que envelhecimento é sinônimo de morte e “trabalhar na direção da construção de uma representação mais otimista da velhice, que restitua o lugar do idoso na família e na sociedade, e que reconheça que ele é um ser responsável pelos rumos de sua própria história” (GUIMARÃES; CARNEIRO, 2012, p. 16).

Na sociedade contemporânea, o processo de envelhecimento é encarado como uma espécie de doença sem cura, um declínio que está voltado ao fracasso. Diante disso, percebe-se que a grande maioria desses estereótipos relaciona-se não só a características específicas do envelhecimento, mas também a traços decorrentes desse processo. A formação desse tipo de estereótipo revela certa ignorância, a qual minimiza as características e diferenças individuais de cada membro de determinado grupo (MARTINS; RODRIGUES, 2004).

### 3.2.2.3 Não se imagina velho

A velhice é percebida como uma fase da vida que antecede a morte, e, com isso, o sujeito se percebe e é percebido como um ser feio, enrugado, imprestável e rancoroso, portanto, ser velho significa ser excluído. Analisando nessa perspectiva, é possível perceber que a imagem da velhice sempre foi estereotipada e estigmatizada, uma vez que a juventude é vendida em todos os lugares porque está diretamente ligada a aparência física (CONCEIÇÃO; LOPES, 2015).

Dessa maneira, não se imaginar sendo velho é negar o fenômeno do envelhecimento e não aceitá-lo como parte essencial do ciclo vital. Seguem as falas dos participantes sobre essas questões: *Na verdade não me imagino velha. Penso que não chegarei até essa fase [...]* (P1); *Na realidade, nunca parei para pensar nessa imagem de mim velha (P9); Ainda não me imagino velho (P10)*.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa evidenciaram aspectos de representações sociais dos participantes sobre o processo de envelhecimento. Para eles, as vantagens de se chegar à velhice tratam-se das vivências e experiências adquiridas, bem como o amadurecimento. Em contrapartida, os participantes que identificam o envelhecer através da idade cronológica, do organismo do indivíduo e mesmo aqueles que não souberam caracterizar ou como identificar uma pessoa como velha, têm uma imagem negativa do envelhecimento humano.

Os participantes associaram velhice com perdas e incapacidades físicas, doenças crônicas que requerem tratamento medicamentoso e internação hospitalar, aparência inadequada, e maior proximidade com a finitude. Percebeu-se ainda contradição no pensamento dos participantes a respeito do envelhecimento do outro em detrimento do próprio. O envelhecer dos outros é enxergado de forma negativa, ao contrário do próprio. Pelo fato de muitos ainda não estarem na velhice, deduz-se que eles desejam para si um envelhecimento mais generoso, tanto na aparência física quanto na capacidade laboral.

Salienta-se a relevância de se discutir um tema tão pertinente para a sociedade atual, cujas representações sobre a senescência ainda demonstram equívocos, os quais acabam influenciando a qualidade de vida de um número cada vez maior de pessoas. Logo, espera-se que os resultados deste estudo colaborem para que as representações sociais sejam mais fieis à realidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, M. A. R. Representação da morte: concepções a partir de experiências de vida de idosas usuárias do PSF. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(4), pp. 309-324, ago., 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9672>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SALDANHA, A. A. W. Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência, **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 2, pp. 197-204, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1390/1090>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

CONCEIÇÃO, F. V.; LOPES, R.G.C. Bruxas, velhice e morte: O medo da finitude nos contos de fadas. **REVISTA PORTAL de Divulgação**, n.46, Ano VI. Set/Out/Nov., 2015. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revistanova/index.php/revistaportal/article/view/555/611>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CRUZ, R. C; FERREIRA, M. A. Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2011 Jan-Mar; 20(1): 144-51. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n1/17.pdf>> Acesso em: 22 jul. 2016.

DIAS, M. A. F; PAÚL, C; WATANABE, H. A. W. Representações sociais de velhice e suas relações com declínio e finitude em comentários e críticas publicados na mídia. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(1), pp.125-143, 2014. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/20286/15062>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FREITAS, M. C; QUEIROZ, T. A; SOUSA, J. A. V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Rev Esc Enferm USP** 2010; 44(2):407-12 <[www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/)>. Acesso em: 22 jul. 2016.

GUIMARÃES, I; CARNEIRO, M. H. S. Envelhecimento e finitude – qual a representação da morte? **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p.7-18, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/19734/23185>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

MANCIA, J. R; PORTELA, V. C. C; VIECILI; R. A imagem dos acadêmicos de enfermagem acerca do próprio envelhecimento. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2008 mar-abr; 61(2): 221-6. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a12v61n2.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

MARTINS, R. M. E RODRIGUES, M. L. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. **Revista do ISPV**, 29, 249-254, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.19/576>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

NERI, A.L. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991.

SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**. Campinas 25(4) I 585-593 I outubro - dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>> Acesso em: 01 ago. 2016.

SIQUEIRA R. L; BOTELHO, M. I. V; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 7(4):899-906, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000400021>>. Acesso em: 20 jul. 2016.